

> O Livro do Desassossego de Bernardo Soares: uma não-vida para viver sem medida

> Bernardo Soares' the *Book of Disquiet*: a non-life to live without measure

Teresa Nunes

Doutoranda em Filosofia na Universidade da Beira Interior (UBI, Portugal), com uma bolsa de doutoramento FCT UI/BD/152562/2022. E-mail: teresa.alves.nunes@ubi.pt. ORCID: 0000-0002-2015-1485.

Resumo

O *Livro do Desassossego* apresenta como epicentro uma incapacidade de agir resultante da tensão dialética entre o imo e o mundo exterior, experienciada pelo seu não-autor. Bernardo Soares habita o espaço intersticial do *pathos* pensante e da imanência da sensação, deixando-se mergulhar num profundo tédio que propicia a produção literária como síntese do desfasamento. É na *poiesis* que o semi-heterónimo pessoano encontra uma possibilidade de existir no ato da constante inação. Trata-se de um não-viver como método para uma existência que se dá a ver enquanto a própria aporia materializada. A presente reflexão centrar-se-á nesta proposta de uma não-vida articulando-a com o tema da negatividade que lhe subjaz e com uma certa positividade literária enquanto *dentro exteriorizado*.

Palavras-chave: Bernardo Soares. *Livro do Desassossego*. *Poiesis*. Não-vida. *Dentro exteriorizado*.

Abstract

The *Book of Disquiet* presents as a core an inability to act coming from the dialectical tension between the self and the outside world experienced by its nonauthor. Bernardo Soares inhabits an interstitial space between the thinking *pathos* and the immanence of sensation, thus allowing himself to be plunged into a deep boredom conducive to literary production. It is within *poiesis* that the semi-heteronym can exist in the act of constant inaction. It all comes down to a non-living as a method for an existence that is seen as a materialized aporia. The current reflection will focus on this proposal of a non-life underlying it with the theme of negativity and with literary positivity as an *inside out*.

Keywords: Bernardo Soares. *Book of Disquiet*. *Poiesis*. Non-Life. *Inside out*.

> Artigo recebido em 05.10.2022 e aceito em 27.06.2023.

Já que não podemos extrair beleza da vida, busquemos ao menos extrair beleza de não poder extrair beleza da vida. Façamos da nossa falência uma vitória, uma coisa positiva e erguida, com colunas, majestade e aquiescência espiritual.

Bernardo Soares¹

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros.

Bernardo Soares²

1. Uma pré-compreensão da não-vida: o antilivro e o seu não-autor

A obsessão pela vida. A utopia da imortalidade a (ir)romper o segmento vital. Mas o que é viver? Fumar um cigarro enquanto se bebe café mergulhado no quotidiano lisboeta, ébrio de burocratas e de *smog* de sensação? Rebolar num prado e ter relações sexuais com a erva molhada para chegar a casa? Mas qual? Aquela que nos vê a ser vistos da varanda em vertigem? A casa sem morada que acena de longe a Lídia com a mão que dela se soltou? Em busca de respostas somos tolhidos pelo sofrimento e ainda assim pedimos mais um dia. A inevitabilidade do fim presenteia a existência com a inefável beleza do próprio Belo ao tornar cada momento um *sui generis* passível de ser o último. Todavia, atolados de constrangimentos e correção, esquecemos a importância de gargalhar numa biblioteca e preferimos vestir sobretudos em dias de verão. Então dizemos *falhámos a vida*, no tom tragicómico do *é tarde demais* intelectualizado.

Fernando Pessoa ensaiou possibilidades de permanecer passagem no mundo. Desdobrando-se em mil figuras textuais, numa busca incessante de identidade pela sua negação, encontra na Literatura um lugar³, o lugar

¹ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, p. 290.

² Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, p. 254.

³ Referimo-nos à forma como a Literatura se apresenta no universo pessoano enquanto espacialidade habitável ou mesmo geografia de si. Trata-se de uma profunda interseção em que o espaço, mais do que categoria narrativa, apodera-se do literário transformando-o numa antropologia do espaço, numa geografia humana do lugar que, através dos mais diferentes modos

simultaneamente laboratório e paisagem em que, sem a necessidade fática da vida, experimenta a existência através da experiência da ausência que é a palavra. Afinal, a palavra enquanto fenômeno de despedida de todo e qualquer referente assume-se na sua obra, principalmente com Soares, um híbrido cinzel, congregando em si a precisão do bisturi e a possibilidade do horizonte. Nesse sentido, como um quadro ontológico em *mise en abyme*, pintado naquele ato da teoria que só é possível na polissemia da ficção, a resposta pessoana à questão que abre este nosso texto manifesta-se sob os moldes de uma multiplicidade literária autorreflexiva e desventrada. Desde a simplicidade e espontaneidade oferecidas por Caeiro num sensacionismo libertador da inquietação do cogito ao bruto e abrupto frenetismo febril de *sentir tudo de todas as maneiras* preconizado por Álvaro de Campos. A proposta passa ainda pelo falso estoico-epicurismo de Ricardo Reis⁴ e encontra a sua concretização mais radical no niilismo exacerbado do *Fausto, uma Tragédia Subjectiva* em que “o abismo é abismo num abismo”⁵ e o eu é “o Aparte, o Excluído, o Negro!”⁶. Cabe-lhe também o convite de Bernardo Soares à perda total de um sentido de realidade, num abdicar da existência fática e fatídica sem, na verdade, prescindir do fôlego. Esta antissaída é, provavelmente, a saída que mais faz sentido no universo

ontológicos e estéticos, responderá à questão “onde fica a minha casa e como posso lá chegar?”. Não obstante tal interseção se verificar no grosso da obra de Fernando Pessoa, é em Bernardo Soares e no *Livro do Desassossego* que se destaca. Para aprofundar o tema veja-se José Gil, “Bernardo Soares’s Becoming-Landscape”, 2021.

⁴ Muitas linhas seriam necessárias para explicitar em que medida o estoico-epicurismo de Ricardo Reis, o heterônimo pessoano considerado por muitos um Horácio português, é tão somente uma performance de ataraxia a velar o frenesim inquietante de uma consciência solitária. Sem intento de aprofundar o tema que nos desviaria da presente reflexão para outra, importa esclarecer que o desprendimento das paixões do mundo que aflora na poesia de Reis, mais do que um modo de estar na e ser a finitude de uma temporalidade inexorável, apresenta-se como uma forma possível de vivenciar em pleno a mais intensa e alucinogénica das paixões – o estar só, a solidão. É isso que, sucintamente, apelidamos aqui de *falso estoico-epicurismo*. Entre as mais diversas expressões de ser que caracterizam os heterônimos enquanto materialidades textuais, Ricardo Reis corporiza o palco, o lugar habitado pela performance que se localiza, no momento em que se autoencena em solilóquio, como se o palco, na teatralidade do drama em gente, quisesse ele mesmo intervir, ter uma deixa. Conforme se pode ler nos versos de Reis, “Sou somente o lugar/ Onde se sente ou pensa./ Tenho mais almas que uma./ Há mais eus do que eu mesmo./ Existo todavia/ Indiferente a todos./ Faço-os calar: eu falo.” (Ricardo Reis, *Poemas de Ricardo Reis*, 1994b, p. 182). Ou ainda nestes outros versos também da sua autoria: “Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge./ Mas finge sem fingimento.” (Ricardo Reis, *Odes de Ricardo Reis*, 1994a, p. 152).

⁵ Fernando Pessoa, *Fausto*, 2013, p. 60.

⁶ *Ibidem*, p. 53.

peçoano, uma vez que conforme afirma Álvaro de Campos “Fernando Pessoa não existe, propriamente falando”⁷.

Situado num estado de euforia em ponto zero e de cansaço e tédio a 100%, o *Livro do Desassossego* faz jus ao título ao apresentar a inquietação e o caos como travesseiro para quem *dorme a vida* sob a forma de um livro que, em boa verdade, o não é. Trata-se de um conjunto de devaneios aspirantes a livro em que a lógica e a coesão cedem lugar à desconexão e desorganização inscritas na materialidade dos próprios textos – grafados em folhas soltas, dispersos em envelopes com a breve inscrição *L. do D.* e algumas notas⁸. Apresenta-se como um “livro de uma miscelânea”⁹, conforme o define Eduardo Lourenço, um compêndio de estilhaços da autoria de Bernardo Soares, um ajudante de guardalivros que nunca existiu senão como personalidade textual para doar a sua não-vida a este antilivro:

Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer¹⁰.

Entre os fragmentos que constituem a não-obra de Soares, este é o mais próximo de uma definição metalinguística que designa *O Livro do Desassossego* como um

⁷ Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caetano”, 1990, p. 413.

⁸ A desorganização é, ironicamente, um elemento unificador entre a diversidade do espólio peçoano. No caso do *Livro do Desassossego* o caos agudiza-se: tratando-se de organizar um livro inacabado, importa saber que textos o constituem e a ordem que cabe a cada um. O problema é que Pessoa deixou poucas notas sobre estruturação do mesmo e numerosas listas de títulos (todas elas diferentes) possíveis de o constituir. A aumentar as dificuldades, nalguns fragmentos, a identificação *L. do D.* é seguida de vários pontos de interrogação, o que confirma que nem Pessoa estava convicto quanto à inserção desses trechos na obra. Acresce ainda o facto de não haver um dossiê que compile pelo menos um grupo de textos definitivo; o mais próximo é um conjunto de envelopes com folhas soltas, a maioria atribuídas a Bernardo Soares. Lado a lado com estes envelopes, há ainda imensas folhas com a inscrição *L. do D.* espalhadas na tumultuosa arca. Estas reúnem prosa, poesia e até cartas familiares (por exemplo, uma à mãe que pode ser lida no Apêndice da 1ª edição feita por Richard Zenith do livro). São tantas e com índole tão diversa que Teresa Rita Lopes considera que os textos atribuídos por Pessoa ao *Livro do Desassossego*, por si só, constituem uma arca menor. O próprio Pessoa demonstra ter consciência da panóplia de textos ao sugerir, com ironia, numa das notas de organização, que deveria ser publicado um outro livro com textos inicialmente pensados para o *Livro do Desassossego*, mas que se revelaram uma escolha “errada” ou mesmo “lixo” (Fernando Pessoa in Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, p. 504). Estas são apenas algumas das razões que permitem sustentar que forma e conteúdo partilham o mesmo índice de caoticidade. Talvez esse fosse um dos propósitos de Pessoa: que a própria materialidade se manifestasse indicador de um livro definido como “um indefinido de refugos” ou “armazém publicado do impublicável” (Fernando Pessoa in Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho Duas Notas, p. 505).

⁹ Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*, 2008, p.112.

¹⁰ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 12, p. 54.

paradoxal género literário – *autobiografia sem factos* –, caracterizado por uma pluralidade dispersa de *Confissões* fortemente marcadas pela ausência denexo. É na carência de conexão que reside a sua lógica de conjunto, da mesma maneira que é na negação de vivências factuais e concretas que nele se dá a ver o seu carácter biográfico.

Num tom niilista, marcado pelo emprego repetido dos vocábulos *sem*, *nem* e *nada*, a noção tradicional de autobiografia enquanto narração de feitos e acontecimentos que consubstanciam a vida vivida do vivente é invertida, dando origem à narrativa de desacontecimentos e inações que constituem uma não-existência a expressar uma vida privada de vivência. É, portanto, uma autobiografia virada do avesso que consiste na negação das suas características basilares. Tal como Lilian Jacoto, podemos assim dizer que “a negatividade constitui um método do olhar, um modo de ver o mundo a partir do que lá não está como evidência. Esse olhar da negatividade é assim um olhar que não dispensa o dado positivo, mas se coloca como seu anverso, no desvio, *pervertendo* as aparências do mundo”¹¹. Entre essas aparências do mundo e no mundo, situa-se o próprio eu que subverte o olhar sobre si mesmo: não é olhado, nem se olha, vê-se a ser visto.

Esta transgressão semântica não se restringe ao domínio linguístico ou da metaliteratura, mas acarreta consequências ao nível ontológico: a *história sem vida* pressupõe um sujeito congénere, um não-ser à margem do mundo fático-real, carente de experiências empíricas e situado num espaço intermédio, num funambulismo onírico-ficcional. Assim, como admite José Gil, “não é por acaso que é Bernardo Soares que escreve este livro: este semi-heterónimo tem por característica essencial o facto de não viver”¹², permanecendo em contínuos “estados vegetais”¹³ resultantes de uma hipertrofia face à ação. Daí que o seu despertar decorra quando Pessoa está “cansado ou sonolento”¹⁴ – um período límbico entre a vigília e o sono propício à quietude, ao “constante devaneio”¹⁵, à

¹¹ Lilian Jacoto, “A Negatividade como Ethos Autoral: O Legado de Pessoa”, 2016, p. 157.

¹² José Gil, *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*, 1987, p.13.

¹³ José Gil, *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, 1999, p.70.

¹⁴ Fernando Pessoa, “Carta de Fernando Pessoa sobre a génese dos heterónimos”, 2006a, p. 210.

¹⁵ *Ibidem*.

suspensão do raciocínio e ao mergulho num profundo tédio tão melancólico como autocentrado. É a incompatibilidade com o frenesim do mundo associada a uma preguiça lânguida de existir que faz Soares abominar a vida real e procurar no isolamento do texto uma forma de evitar a *praxis* e as normas sociocomportamentais que a regem.

Contudo, esta não-vida não se traduzirá numa aniquilação *in extremis* do mundo real através da construção de um universo imaginário puramente fantástico. Os textos que constituem o *Livro do Desassossego* não tomam a fantasia como escape, nem transformam contos de fadas ou histórias de monstros em diegese pessoal¹⁶. Contrariamente, Bernardo Soares serve-se do caráter mundano do quotidiano lisboeta, do que nele há de mais banal e monótono, para arquitetar a sua fuga à realidade: veste-o como uma segunda pele, revestindo-se da inerte melancolia das suas ruas e rotinas, no preciso momento em que se despe, a si mesmo e a Lisboa, da *biopolítica*¹⁷ asfixiante da pragmática social, com os seus papéis performatizantes que estabelecem quem se é por meio de como se age:

Escolher modos de não agir foi sempre a atenção e o escrúpulo da minha vida. Não me submeto ao estado nem aos homens; resisto inertemente. O estado só me pode querer para uma acção qualquer. Não agindo eu, ele nada de mim consegue¹⁸.

A proposta passa, assim, por desrealizar o mundo – ao invés de surrealizá-lo – na realização do que nele existe de letargia, retirando-lhe o tapete da concretude e da ação através do hastear de uma anarquia que tem a inércia como fundamento de resistência. Os versos transatos de Soares – “Não me submeto ao

¹⁶ Os ambientes mais próximos dum possível mítico-fantástico – ainda assim quebrado pela abundância de personagens históricas – envolvem alguns palácios, paisagens irreais, referências a reis e rainhas e encontram-se em trechos mais antigos como “Na Floresta do Alheamento”, “Lenda Imperial” ou “Marcha Fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera” atribuídos a Vicente Guedes, a quem Soares (não por acaso) se sobrepôs com o consentimento de Fernando Pessoa: “A organização do livro deve basear-se numa escolha, rígida quanto possível, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psicologia de Bernardo Soares, tal como agora surge, a essa vera psicologia. À parte isso, há que fazer uma revisão geral do próprio estilo, sem que ele perca, na expressão íntima, o devaneio e o desconexo lógico que o caracterizam. Há que estudar o caso de se se devem inserir trechos grandes, classificáveis sob títulos grandiosos como a *Marcha Fúnebre do Rei Luís Segundo da Baviera*” (Fernando Pessoa *in* Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho L. do D. nota, p.505).

¹⁷ Para aprofundar o possível diálogo entre Bernardo Soares e Foucault veja-se Gianfranco Ferraro, “A Hermeneutics of Disquiet: Approaching Pessoa through Foucault”, 2021.

¹⁸ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 120, p. 142.

estado nem aos homens; resisto inertemente” – impelem-nos a revisitar o célebre conto de Pessoa, *O Banqueiro Anarquista*:

O mal verdadeiro, o único mal, são as convenções e as ficções sociais, que se sobrepõem às realidades naturais – tudo, desde a família ao dinheiro, desde a religião ao Estado. A gente nasce homem ou mulher – quero dizer, nasce para vir a ser, em adulto, homem ou mulher; não nasce, em boa justiça natural, nem para ser marido, nem para ser rico ou pobre, como também não nasce para ser católico ou protestante, ou português ou inglês. E todas estas coisas em virtude das ficções sociais. Ora essas ficções sociais são más porquê? Porque são ficções, porque não são naturais. Tão mau é o dinheiro como o Estado, a constituição da família como as religiões. Se houvesse outras, que não fossem estas, seriam igualmente más, porque também seriam ficções, porque também se sobreporiam e estorvariam às realidades naturais. Ora qualquer sistema que não seja o puro sistema anarquista, que quer a abolição de todas as ficções e de cada uma delas completamente, é uma ficção também. Empregar todo o nosso desejo, todo o nosso esforço, toda a nossa inteligência para implantar, ou contribuir para implantar, uma ficção social em vez de outra, é um absurdo, quando não seja mesmo um crime, porque é fazer uma perturbação social com o fim expresso de deixar tudo na mesma. Se achamos injustas as ficções sociais, porque esmagam e oprimem o que é natural no homem, para quê empregar o nosso esforço em substituir-lhes outras ficções, se o podemos empregar para as destruir a todas¹⁹.

Desta proposta de imersão num certo *natural* antropológico, expurgado de ficcionalidade política, emerge a caracterizá-lo uma não-ficção. Ironicamente, essa não-ficção assume-se, na negatividade que a ergue e define como destruição da performatividade do mundo institucionalizado, a mais plena das ficções, porquanto é aquela que se mostra como um negativo fotográfico capaz de suplantar as ficções sociais: abre nelas um abismo de agência, um intervalo inerte que é profícuo, no seu vácuo de atividade, ao surgimento de uma multiplicidade de *ficções do interlúdio*. Ficções do interlúdio que serão nada mais que a espacialidade por excelência da não-vida enquanto ficção visada em negação pela destruição. Não-viver trata-se, portanto, de uma “atitude de recusa, não do mundo, mas da categoria da sua positividade”²⁰ que implicará, ao invés de uma taxativa oposição entre o *refúgio dentro de si* e a *rua lá fora*, uma tensão dialética entre interior/exterior que cabe abordar no ponto seguinte desta reflexão.

¹⁹ Fernando Pessoa, *O Banqueiro Anarquista*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2131>. Acesso em 05 jun. 2023.

²⁰ Diogo Ferrer, “Fernando Pessoa e a Consciência Infeliz”, 2008, p. 207.

2. Não-viver: um dentro exteriorizado

Comece-se por atentar nas palavras de José Gil sobre a oposição dentro/ fora enquanto epicentro dos vários desdobramentos conceptuais que formulam o universo pessoano como problemática de existir não-existindo:

Todas as oposições trágicas se podem condensar numa só: a oposição dentro/ fora. Sensação/ consciência, consciência/ vida, eu/ outros, lucidez/ espontaneidade, passado/ presente, pensamento/ inconsciência – todas as cisões supõem uma única que as contém: entre o interior e o exterior: foi o que tentaram Fausto, Soares, Álvaro de Campos²¹.

O trágico destas oposições reside no constante fracasso – que une Soares, Fausto, Campos e, até mesmo, Reis – em tentar, mais do que superá-las enquanto contradição, sintetizar interior e exterior em distensão. Caeiro, não por acaso apelidado de mestre entre os heterónimos, foi o único a materializar-se textualmente nessa forma de síntese, uma vez que a sua poesia manifesta-se osmose dos antagonismos pressupostos pela dialética existência, realizando assim o projecto de univocidade do ser ²². Leia-se, a título ilustrativo, este segmento de *O Guardador de Rebanhos*:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz²³.

Ao considerar que o interior mais profundo das coisas imana da sua exterioridade, sendo dela indivisível, o mestre dilui em síntese o dentro como tese e o fora como antítese. Há uma metafísica da imanência que permite a Alberto Caeiro “sair para o Fora absoluto”²⁴ e “ir existir como coisa real”²⁵.

²¹ José Gil, *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, 1999, p. 115.

²² Cf. José Gil, *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, 1999, p. 11.

²³ Alberto Caeiro, “O Guardador de Rebanhos”, 2006, p.129.

²⁴ José Gil, *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, p.113.

²⁵ *Ibidem*, p. 114.

É desta capacidade caeiriana de congregar o inconciliável num todo uno e harmonioso que carece Soares. Ao semi-heterónimo não só lhe é impossível superar relações dicotómicas, como, ao tentar fazê-lo, a oposição entre elas se torna mais vincada, transformando-se em fundas brechas ou mesmo em “intervalos dolorosos”²⁶ que o tornam incapaz de atuar no mundo. O desejo de “ter a alegre inconsciência, /E a consciência disso”²⁷, expresso já pelo ortónimo no célebre poema *Ela canta, pobre ceifeira*, é frustrado, desencadeando a dor de existir trancado numa consciência com “horror à acção”²⁸. Evidentemente, a consequência primeira desta hipertrofia do agir é o isolamento do mundo:

Que bom estar só largamente! Poder falar alto connosco, passear sem estorvo de vistas, repousar para trás num devaneio sem chamamento! Toda a casa se torna um campo, toda a sala tem a extensão de uma quinta. Os ruídos são todos alheios, como se pertencessem a um universo próximo mas independente. Somos, finalmente, reis. A isso todos aspiramos, enfim, e os mais plebeus de nós – quem sabe – com maior vigor que os demais ouro falso. Por um momento somos pensionistas do universo, e vivemos, regulares do soldo, sem necessidades nem preocupações²⁹.

O convite a refugiar-se dentro de si, presente no fragmento transato, desencadeia uma apatia disseminada, uma frieza profunda que surgirá, ao longo do *Livro do Desassossego*, como um repúdio explícito à amizade, ao amor, ao sexo, a toda e qualquer forma de convívio. Algo que, segundo o próprio Fernando Pessoa, não é de estranhar, porquanto Soares é uma “mutilação” da sua personalidade privada de “afectividade”³⁰. O ajudante de guarda-livros encara os entes mundanos como um *estorvo de vistas* sugestivo de um possível trocadilho linguístico com “estorvo de visitas” – aqueles que lhe visitam a vida com os seus olhares de realidade são altamente incomodativos. Nesta medida, diferentemente de Campos cujo isolamento dos outros conduz ao “cárcere de ser”³¹, Soares fita no seu “dentro-abrigo” uma espécie de felicidade distópica congénere a si próprio

²⁶ O número significativo de trechos com o título “Intervalo Doloroso” (trechos 37, 61, 80, 221, 293, 379 e 412; p. 72, 94, 110, 223, 280, 342 e 368 respetivamente, da edição de Richard Zenith) ou apenas “Intervalo” (trechos 182 e 185; p. 192 e 195 respetivamente, da edição de Richard Zenith) enfatizam a cisão entre o mundo exterior e o âmago do pensamento que marca toda a obra de Soares.

²⁷ Fernando Pessoa, “Ela canta, pobre ceifeira”, 2006b, p.61.

²⁸ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 249, p. 243.

²⁹ *Ibidem*, trecho 409, p. 366.

³⁰ Fernando Pessoa, “Carta de Fernando Pessoa sobre a Génese dos Heterónimo”, 2006a, p. 210.

³¹ Álvaro de Campos, “Ah, perante esta única realidade, que é o mistério”. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/216>. Acesso em: 05 out. 2022.

e ao livro que redige: uma antifelicidade expressa na exclamação “Que bom estar só largamente!”, exaltada em “Somos, finalmente, reis” e corolada em “Por um momento somos pensionistas do universo”.

Avesso ao exterior, o autor do *Livro do Desassossego* procura escapar-lhe rumando em direção a um dentro absoluto, a um corte profundo entre o eu e os outros. No entanto, esta cisão exacerbada, rapidamente, se revela inexecutável, uma vez que a presença do mundo é uma constante que o semi-heterónimo não consegue ignorar ou dela se exilar, afinal ele é, no seu âmago inerte, os outros tornados exterioridade pulsante:

Mas a exclusão, que me impus, dos fins e dos movimentos da vida; a ruptura, que procurei, do meu contacto com as coisas – levou-me precisamente àquilo a que eu procurava fugir. Eu não queria sentir a vida, nem tocar nas coisas, sabendo, pela experiência do meu temperamento em contágio do mundo, que a sensação da vida era dolorosa para mim. Mas ao evitar esse contacto, isolei-me, e isolando-me, exacerbei a minha sensibilidade já excessiva. Se fosse possível cortar de todo o contacto com as coisas, bem iria a minha sensibilidade. Mas esse isolamento total não pode realizar-se. Por menos que eu faça, respiro; por menos que aja, movo-me. E, assim, conseguindo exacerbar a minha sensibilidade pelo isolamento, consegui que os factos mínimos que antes mesmo a mim nada fariam, me ferissem como catástrofes. Errei o método de fuga. Fugi, por um rodeio incómodo, para o mesmo lugar onde estava, com o cansaço da viagem sobre o horror de viver ali³².

Por muito que se recuse a *sentir a vida e tocar nas coisas*, Bernardo Soares respira o *contágio do mundo* e, impotente, deixa-o penetrar na “cela infinita”³³ do seu isolamento. O *contacto com as coisas* munido de permanente assiduidade deixa de ser uma mera incompatibilidade existencial, afigurando-se uma doença capaz de contaminar a interioridade impedindo-a de ser absoluta a ponto de a metamorfosear em algo tão excruciante e abominável quanto o real:

Tenho de escolher o que detesto – o sonho que a minha inteligência odeia, ou a acção, que a minha sensibilidade repugna; ou a acção para que não nasci, ou o sonho, para que ninguém nasceu. Resulta que, como detesto ambos, não escolho nenhum; mas como hei-de, em certa ocasião, ou sonhar ou agir, misturo uma coisa com a outra³⁴.

A tragédia principal da minha vida é, como todas as tragédias, uma ironia do destino. Repugno a vida real como uma condenação; repugno o sonho como uma libertação ignóbil. Mas vivo o mais sórdido e o mais quotidiano

³² Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 462, p. 406-407.

³³ *Ibidem*, trecho 43, p. 78.

³⁴ *Ibidem*, trecho 2, p. 47.

da vida real; e vivo o mais intenso e o mais constante do sonho. Sou como um escravo que se embebeda à sesta – duas misérias em um corpo só³⁵.

Posto isto, se é viável considerar a existência de um *fora absoluto* em relação a Caeiro, é impossível conceber um *dentro absoluto* no que respeita a Soares. Torna-se preferível equacionar um *dentro exteriorizado*, na medida em que o interior do autor do *Livro do Desassossego* está atulhado com o *mais quotidiano da vida real*. Este *dentro exteriorizado* consiste numa amálgama fragmentada do detestável como forma de fugir do abominável, não sendo, por isso, um antipirético existencial, mas um desassossego que retira da realidade quotidiana o *mais sórdido* e do sonho o *mais intenso*, misturando *uma coisa com a outra*. O resultado é a criação de um espaço intermédio, um *interlúdio*, em que se desenvolve uma exteriorização dentro das fronteiras do próprio interior.

Na inviabilidade de um isolamento *in toto*, estéril e castrador, aspetos do mundo exterior fertilizam o imo à medida que este os desrealiza, ao reconfigurá-los segundo as regras da imaginação, convertendo-os numa interioridade. Esta, por sua vez, aquando da metamorfose do real dentro de si, desvela-se uma forma de exterioridade, um fora não em estado puro, mas mediado pelo dentro – um fora intelectualizado que encontrará sobrevivência na literatura.

3. Poiesis: laboratório do dentro exteriorizado

Bernardo Soares, excruciado do “horror de viver”³⁶ num espaço intersticial entre o dentro e o fora, consegue apaziguar o abismo existencial através da escrita. O processo de criação literária sustenta-se de tal tensão dialética, reproduzindo-a até que esta atinja um estado de distensão: (1) Soares, “mordido pelo tédio”³⁷, observa o mundo lá fora e, incapaz de atuar nele, (2) isola-se dentro de si em divagações e devaneios que, desencadeados pela apreensão de detalhes e figuras do quotidiano, (3) se multiplicam no experienciar de novos universos, cenários e sensações – todo um cosmos dentro do pensamento e grafado em

³⁵ *Ibidem*, trecho 187, p. 195.

³⁶ *Ibidem*, trecho 462, p. 407.

³⁷ Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 2007, p.47.

papel. Do seu pequeno quarto de hotel ou da minúscula janela do escritório, o ajudante de guarda-livros fita a cidade e sem a pisar consegue mergulhar nela.

A exterioridade deste microcosmos interior decorre por intermédio da imaginação, não em bruto (isso conduziria à construção do puro fantástico desconexo e oposto ao real), mas impregnada com pormenores, episódios e personalidades do mundo fático. Desde o patrão Vasques à chuva que encharca as ruas de Lisboa, das festividades populares à música que as envolve, do choro de uma criança à mãe que a leva ao colo, tudo no quotidiano é mote propulsor à imaginação, difundindo-se nela a ponto de os universos mentais constituírem hipotéticas formas de vida nada estranhas ao comum dia-a-dia.

A *poiesis* funciona, assim, como um laboratório propício à “experimentação até ao esgotamento”³⁸ de mundos possíveis cujo referente exterior comparece para ser testado sob as lentes caleidoscópicas da ficção. Esse estatuto de laboratório situa a literatura ao nível da possibilidade sem quaisquer compromissos de realização, tornando-a numa oficina de ilimitados ensaios de viver, rascunhos de existir e paisagens do eu. É o desvínculo à concretização que permite à criação poética desrealizar o mundo, extraindo-lhe o imperativo pragmático – as tais *ficções sociais* versadas em *O Banqueiro Anarquista* – através de uma plasticidade infindável geradora de pluralidade. Tudo quanto na existência concreta está condenado às pragmáticas fronteiras da unidade concretizável – a ser uma ínfima peça com uma dada função na lógica do mundo –, desdobra-se, na ficção, num infinito de possibilidades.

É esta a índole do *Livro do Desassossego* – mais do que obra, afigura-se o processo de criação literária; mais do que o conjunto de esboços de ser ou notas à margem da realidade, é o gabinete experimental, o seu tubo de ensaio. Por isso, é inacabado, sem princípio, meio e fim, um infinito que atrai e concentra em si todas as coisas e as reflecte de todos os ângulos e perspectivas. Nessa medida é análogo ao *Aleph* borgiano, descrito no conto homónimo do autor argentino:

O lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do globo, vistos de todos os ângulos. (...) O microcosmo de alquimistas e cabalistas, o nosso concreto amigo proverbial, o *multum in parvo!* (...) Cada coisa (a lua do

³⁸ José Gil, *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*, 1987, p.16.

espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do Universo. (...) Vi a engrenagem do amor e a modificação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph, e no Aleph a terra, vi o meu rosto e as minhas vísceras, vi o teu rosto, e senti vertigens e chorei, porque os meus olhos tinham visto esse objeto secreto e conjectural cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem observou: o inconcebível Universo³⁹.

A redação do *Livro do Desassossego* – ignição das suas infindáveis potencialidades literárias – oferece a Soares a predisposição que a vida real lhe tolhia: ser o *multum in parvo*, isto é, uma multiplicidade concentrada num minúsculo ser, um microcaos que encadeie, incomensuravelmente, inúmeros macrocosmos em que *cada coisa era infinitas coisas*.

Esta dinâmica em que um elemento reúne em si os restantes, ilustrada por Borges num movimento circular de retroprojeção - *vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph, e no Aleph a terra* –, efetua-se no *Livro do Desassossego* (e, *grosso modo*, em toda a obra pessoana) através da negatividade. Socorrendo-se do pensamento hegeliano, Soares concebe a negação como traço ontológico em que cada ente se define por não reunir as características do outro e, por isso, acaba por tê-lo inscrito em si como negado – a afirmação da sua identidade resulta e é indivisível da negação do outro. Tudo está correlacionado, tudo partilha um mesmo universo, uma vez que tudo está presente em tudo por meio da sua negação. Apenas a escrita, por se delimitar unicamente ao hipotético, alienando-se do concretizável e praticável, consegue ativar os mecanismos da negatividade:

Só o absoluto de Hegel conseguiu, em páginas, ser duas coisas ao mesmo tempo. O não-ser e o ser não se fundem e confundem nas sensações e razões da vida: excluem-se, por uma síntese às avessas⁴⁰.

Nesta medida, “encontrar-se a si mesmo no seu outro”⁴¹ é inexecutável no mundo concreto norteado pelas *razões da vida* e regido por um imperativo identitário que circunscreve o *eu* ao *ser* na afirmativa. Contrariamente, a literatura fia no tear da imaginação novas propostas de existência que ampliam o *eu* enquanto *não-ser na negativa* ao devir-outro. É neste *outrar-se*, por meio da *poiesis*, que se dá o clímax da exteriorização do dentro:

³⁹ Jorge Luis Borges, “O Aleph”, 2013, p. 166, 167, 169, 171, respetivamente.

⁴⁰ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 406, p. 364

⁴¹ Hegel *apud* Diogo Ferrer, “Fernando Pessoa: Aproximação Dialéctica e Fenomenológica”, 2017, p. 34.

Criei dentro de mim um estado com uma política, partidos e revoluções, e ser eu isso tudo, ser eu Deus no panteísmo real desse povo-eu, essência e acção dos seus corpos, das suas almas, da terra que pisam e dos actos que fazem. Ser tudo, ser eles e não eles. (...) Sim, sonhar que sou, por exemplo, simultaneamente, separadamente, inconfusamente, o homem e a mulher de um passeio que um homem e uma mulher dão à beira-rio. Ver-me, ao mesmo tempo, com igual nitidez, do mesmo modo, sem mistura, sendo as duas coisas com igual integração nelas, um navio consciente num mar do sul e uma página impressa dum livro antigo⁴².

O dentro exteriorizado assume-se um *drama em gente* no sentido performativo da expressão – implica uma despersonalização total numa espécie de delírio báquico consentâneo com o abdicar da própria individualidade para se revestir de outra que também será sua no momento que o próprio dela se expropria. Trata-se de um processo de *despessoalização* em que a unidade do eu é despedaçada a ponto de originar uma multiplicidade de entes capaz de formar um *povo*, uma autêntica pólis, com *partidos e revoluções*, cuja coesão, organização e governação residem, paradoxalmente, no eu dilacerado e anárquico – ele é a sua *essência*, a sua *ação*, o seu *Deus*. Esta destruição do eu em mil entes – o *panteísmo deste povo-eu* – sugere o aniquilar da visão paroquial e unilateral que, ao experienciar distintos traços identitários e modos de vida, se metamorfoseia numa “consciência explodida”⁴³, fértil de novas perspetivas e avessa a um olhar monolítico do mundo que fechou em si.

Todavia, o alargamento de horizontes está longe de esgotar as potencialidades do *outrar-se*. Tal significaria uma pobre redução da complexidade deste fabrico de entes enquanto alicerce de todo o processo de criação literária desde a heteronímia ao fingimento poético.

Deste modo, é crucial não esquecer que a criação de múltiplos outros detém, como vimos anteriormente, o eu negado (ainda que estilhaçado) – por isso, Soares designa aquela multidão como *povo-EU*, partilhando dela, em estilo de negativo fotográfico. Por conseguinte, escrever e refletir sobre tais entes forjados acarreta um autoconhecimento exponenciado, uma vez que é possível ao eu distanciar-se de si, vendo-se de fora, como objeto (por vezes abjeto) de análise, sob o olhar do outro que é o seu próprio olhar objetivado. Assim, procurar ser *simultaneamente, separadamente, inconfusamente, o homem e a mulher de um*

⁴² Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 157, p. 172-173.

⁴³ Eduardo Lourenço, *Poesia e Metafísica*, 2002, p.153.

passeio que um homem e uma mulher dão à beira-rio conduz a uma autognose alicerçada numa auto-objetificação. Neste exemplo, até a circunstância do devir-outro num passeio à beira-rio prenuncia esta capacidade de olhar-se externamente através da interioridade, refletindo-se por meio de um ser alheio na imagem distorcida da água que corre sem cessar.

A literatura, motor do desdobramento ontológico, ao demonstrar que “fingir é descobrir-se”⁴⁴, torna-se uma saída para numerosas frustrações existenciais, revelando-se uma solução mais eficaz e, por isso, preferível ao próprio real:

Escrevo a frio, racionalmente, pensando no vosso bem-estar, pobres mal-casadas. (...) Dou-vos estes conselhos desinteressadamente, aplicando o meu método a um caso que me não interessa. (...) Mas quero ser-vos útil, ainda que mais não seja, só para me arreliar, porque detesto o útil. (...) Proponho-me ensinar-lhes como trair o seu marido em imaginação. (...) Beijem o marido que lhes estiver em cima do corpo, e mudem com a imaginação o homem num olhar – lembrem quem lhes estiver em cima da alma. A essência do prazer é o desdobramento. (...) A substituição não é tão difícil como julgam. Chamo substituição à prática que consiste em imaginar-se a gozar com um homem A quando se está copulando com um homem B. (...) Minhas queridas discípulas, desejo-lhes, com um fiel cumprimento dos meus conselhos, inúmeras e desdobradas volúpias não com o, mas *através* do, animal macho a que a Igreja ou o Estado as tiver atado pelo ventre e pelo apelido⁴⁵.

Num trecho repleto de humor, assiste-se a um interagir simulado com figuras ficcionadas da realidade quotidiana – *as mal-casadas*. Sem abdicar da apatia habitual para com a humanidade, Soares dirige-se a estas figuras *a frio e racionalmente*, olhando-as anatomicamente como matéria, uma massa de corpos cujo nome ou idiossincrasias não têm relevo. Estas mal-casadas são uma personagem-tipo coletiva que funcionam como cobaias num estudo científico – o interesse não reside nelas, mas no diagnóstico e nas conclusões a que permitem chegar: a falência do agir. O casamento enquanto prática social revela-se um ato falhado e castrador das aspirações e desejos dos seus intervenientes femininos – as noivas –, que se tornaram numa espécie de fantoches atados, *pelo ventre e pelo apelido*, a um vínculo oco com um *animal macho* imposto por uma instituição como a *Igreja* ou o *Estado*. Deste modo, num tom de comicidade e sarcasmo, desnudam-se as falhas da ação empírica – uma vez mais, à boa maneira das

⁴⁴ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 1990, p. 240.

⁴⁵ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho Conselhos às Mal-Casadas, p. 426-427.

ficções sociais denunciadas em *O Banqueiro Anarquista* – para aclamar as vantagens da inação que é a ação imaginativa: ser-se outro para se poder envolver com outro sem a *biopolítica* existente até no adultério. Afinal, *a essência do prazer é o desdobramento* – perante uma existência em ato que não se consegue suportar, há que criar na *imaginação* um *povo-eu* que permite “ser cocotte para dentro, trair o marido para dentro”⁴⁶.

4. Considerações finais

O ajudante de guarda-livros, inapto ao “movimento imanente das coisas e dos seres da superfície do mundo”⁴⁷ que lhe parece privado de sentido existencial, vislumbra no processo de produção literária a superação dessa carência. Desenvolve, assim, uma *metafísica das sensações* que consiste em transformar, na e pela imaginação poética, as sensações em bruto, colhidas através da observação do quotidiano, em ultrasensações. Estas, resultado de tal intelectualização, tornam-se mais cognoscíveis e, por isso, mais facilmente vivenciáveis que a própria existência concreta:

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade directa; os campos, as cidades, as ideias, são coisas absolutamente fictícias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissíveis todas as impressões salvo se as tornarmos literárias⁴⁸.

Ao definir a literatura enquanto *esforço para tornar a vida real*, Soares atribui-lhe o protagonismo no processo de significação da vida humana. A *poiesis* afigura-se assim um dinâmico *labor limae* responsável por engendrar nexos existenciais na caoticidade do mundo. A própria noção de *esforço* – presente no lugar-comum de designar a criação literária como atividade e/ ou exercício poéticos – remete para um trabalho em constante aperfeiçoamento e movimento que visa arrebatrar coerência e sentido, semelhante ao ofício do escultor: a realidade concreta manifesta-se um pedaço de barro disforme e em bruto e a literatura o cinzel que lhe revela o âmago.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 427.

⁴⁷ José Gil, *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, 1999, p. 113.

⁴⁸ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 117, p. 140.

Tal entendimento do literário aproxima-se do *mythos* aristotélico que, na sua aceção primordial de narrativa enquanto encadeamento coeso, também se traduz na capacidade de arquitetar entendimentos múltiplos além facticidade. Da mesma forma que Soares transporta para a escrita circunstâncias do quotidiano que lapida no texto, o *mythos* socorre-se da mimese da realidade⁴⁹, não no sentido de reproduzi-la ou copiá-la, mas com o objectivo de a reestruturar⁵⁰, ressignificando-a por meio da ficção. Por conseguinte, o objetivo não é obter uma réplica ou correspondência com o real, mas um decifrar do mesmo. Daí que o semi-heterónimo deseje tanto “ser um criador de mitos”⁵¹ – aquele que, vendo além da existência concreta das coisas com o olhar da imaginação, apresenta situações que não aconteceram, todavia são verosímeis e inesgotáveis. A verosimilhança manifesta-se a principal característica da criação poética, pois resulta de uma combinação tão bem-sucedida entre real e imaginário que o híbrido produto dos dois – a ficção enquanto *dentro exteriorizado* – é percecionado com a vivacidade de uma realidade evidente:

Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua. Há imagens nos recantos dos livros que vivem mais nitidamente que muito homem e muita mulher. Há frases literárias que têm uma individualidade absolutamente humana. Passos de parágrafos meus há que me arrefecem de pavor, tão nitidamente gente eu os sinto, tão recortados de encontro aos muros do meu quarto, na noite, na sombra. Tenho escrito frases cujo som, lidas alto ou baixo – é impossível ocultar-lhes o som – é absolutamente o de uma coisa que ganhou exterioridade absoluta e alma inteiramente⁵².

A reconfiguração do mundo operada pela literatura passa, portanto, pelo uso metafórico e subjetivo da linguagem capaz de alcançar os sentidos mais profundos ocultos na objetividade primeira dos entes e das coisas. A literariedade, enquanto desvio da literalidade, não se limita a um emprego ornamental de figuras de estilo reduzidas à sua beleza estético-linguística, mas

⁴⁹ “ἔστιν δὲ τῆς μὲν πράξεως ὁ μῦθος ἢ μίμησις” – “o *mythos* é a mimese de uma ação”. Arist. *De Arte Poetica Liber*. 1450a 4. Texto grego editado por Rudolfus Kassel, *Aristotelis: De Arte Poetica Liber*, 1965. Tradução nossa.

⁵⁰ “λέγω γὰρ μῦθον τοῦτον τὴν σύνθεσιν τῶν πραγμάτων” – “entendo aqui por *mythos* a estruturação dos acontecimentos. Texto grego editado por Rudolfus Kassel, *Aristotelis: De Arte Poetica Liber*, 1965. Tradução nossa.

⁵¹ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, 1966, p.100. A expressão “criador de mitos” é precisamente aquela que emprega Aristóteles na *Poética* em 1451b 25: “ποιητὴν τῶν μύθων” (ποιητὴν – poeta – no sentido etimológico de “fazedor”/ “criador” originário do verbo grego ποιεῖν – fazer/criar/construir –, também étimo de *poiesis*).

⁵² Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, 2003, trecho 157, p. 172 e 173.

expande o horizonte ontológico-semântico dos sentidos literais gerando uma multiplicidade de metáforas vivas *mais reais do que a gente que anda na rua*. Estas traduzem-se numa rede de novos significados figurados e imaginados que ampliam as possibilidades de ser “para além dos limites estreitos que lhe foram impostos pelo Empirismo e Positivismo”⁵³. Assim, num mundo fático *absolutamente irreal na sua realidade directa* – exhibe-se diante da desproporção que é o humano como um *puzzle* emaranhado que o excede e antecede sem qualquer manual de instruções de viver – a literatura torna-se uma exímia bússola existencial. É uma saída de tal modo aliciante que Soares se cinge a ela, frustrando a última etapa de todo este processo hermenêutico de construção de si – a *praxis*, a ação norteada e ponderada pelas *variações imaginativas* da *poiesis*. O ajudante de guarda-livros passa da ação ao texto, mas não transita do *texto à ação*, optando pela não-vida espartilhada em múltiplas vivências sem necessitar de agir.

Referências

BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Quetzal, 2013. pp. 155-177.

CAEIRO, Alberto. O Guardador de Rebanhos. In: MONTEIRO, Adolfo Casais (seleção). *Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Presença, 2006. pp. 121-137.

CAMPOS, Álvaro. Notas para a recordação do meu mestre Caeiro. In: LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por Conhecer*. II – Textos para um novo mapa. Lisboa: Estampa, 1990. p. 411-429.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2007.

FERRARO, Gianfranco. A Hermeneutics of Disquiet: Approaching Pessoa through Foucault. In: RYAN, Bartholomew; TUSA, Giovanbattista; CARDIELLO,

⁵³ Miguel Baptista Pereira, “Introdução”, 1985, p. IX.

Antonio (Eds). *Fernando Pessoa and Philosophy: Countless Lives Inhabit Us*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. pp. 233-257.

FERRER, Diogo. Fernando Pessoa e a Consciência Infeliz. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 33, p. 203-222, mar. 2008.

FERRER, Diogo. Fernando Pessoa: Aproximação dialéctica e fenomenológica. *Ipseitas – Revista da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 21-40, dez. 2017.

GIL, José. *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.

GIL, José. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

GIL, José. Bernardo Soares's Becoming-Landscape. In: RYAN, Bartholomew; TUSA, Giovanbattista; CARDIELLO, Antonio (Eds). *Fernando Pessoa and Philosophy: Countless Lives Inhabit Us*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. pp. 167-178.

JACOTO, Lilian. A Negatividade como Ethos Autoral: O Legado de Pessoa. *Miscelânea*, São Paulo, v. 20, pp. 157-172, jul. 2016.

KASSEL, Rudolf (ed.). *Aristotelis. De Arte Poetica Liber*. Oxford: Oxford Classical Texts, 1965.

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008.

PEREIRA, Miguel Baptista. Introdução. In: RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés, 1985.

PESSOA, Fernando. Carta de Fernando Pessoa sobre a génese dos heterónimos. In: MONTEIRO, Adolfo Casais (seleção). *Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Presença, 2006a. pp. 203-211.

PESSOA, Fernando. Ela Canta, Pobre Ceifeira. In: MONTEIRO, Adolfo Casais (seleção). *Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Presença, 2006b. p. 61.

PESSOA, Fernando. *Fausto*: Tragédia Subjectiva. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d' Água, 2013.

PESSOA, Fernando. O Banqueiro Anarquista. In: QUADROS, António (org.). *Ficção e Teatro*. Mem Martins: Europa-América, 1986. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2131>. Acesso em 05 jun. 2023.

REIS, Ricardo. *Odes de Ricardo Reis*. Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1994a.

REIS, Ricardo. *Poemas de Ricardo Reis*. Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994b.

SOARES, Bernardo; GUEDES, Vicente. *Livro do Desassossego*. Volume I. Leitura, fixação de inéditos, organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SOARES, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003..

Referência para citação deste artigo

NUNES, Teresa. *O Livro do Desassossego* de Bernardo Soares: uma não-vida para viver sem medida. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 2, p. 117 - 136, 2022.